

Pequenas cidades e diversidades culturais no interior do Estado do Rio Grande do Sul: o caso das microterritorializações homoeróticas de Santa Maria, Bagé, Alegrete, Uruguaiana e Itaqui

Small Towns and Cultural Diversity in the Inland of Rio Grande do Sul State: the case of the homoerotic micro-territorialization in Santa Maria, Bagé, Alegrete, Uruguaiana and Itaqui

Benhur Pinós Pinós da Costa

Universidade Federal de Santa Maria

benpinos@gmail.com

Resumo

Os estudos sobre as espacializações das diversidades sexuais são produzidos enfocando principalmente as grandes cidades. Em virtude da pouca expressão de formação de um mercado flexível vinculado aos desejos, as sexualidades e a ideia da maior rigidez de uma sociedade local, pensa-se que as homossexualidades são vividas com extrema dificuldade, discriminação e preconceito em cidades pequenas. Neste estudo revelamos uma experiência de pesquisa empírica quanto aos cotidianos de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo em cidades pequenas do interior do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Nele demonstraremos os dramas de se viver uma sexualidade tida, ainda, como desviantes nesses contextos espaciais, mas também revelaremos ricas táticas produzidas por tais sujeitos, com criatividade e esperteza, para se viver plenamente a afetividade e o desejo homoerótico. Por outro lado, também evidenciaremos casos interessantes de lutas políticas para reconhecimento das diversidades culturais e sexuais, muito originais e consistentes em virtude dos contextos pouco permissivos em tais condições regionais. Neste texto exploraremos a pesquisas estabelecidas nas cidades de Santa Maria, Bagé, Alegrete, Uruguaiana e Itaqui, RS-Brasil.

Palavras-chave: homoerotismo; espaço; pequena cidade; reconhecimento.

Abstract

The diversity and sexual specializations studies are focused mainly on large cities. Due to the small extent in the formation of a flexible market linked to desires and sexualities, and the idea of rigidity of local societies, it is thought that homosexuality is experienced with extreme difficulty, discrimination and prejudice in small towns. In this study we reveal an empirical research on the routine of subjects who are sexually oriented to the same sex, in small towns in Rio Grande do Sul State, Brazil. In it we demonstrate the drama of living a sexuality considered as deviant in these contexts, but we also reveal the rich tactics conceived with creativity and ingenuity by these individuals, to fully live their affectivity and their homoerotic desires. On the other hand, we are also going to show some interesting cases of political struggle for cultural and sexual recognition, that are very original and consistent in view of the non-permissive environment which prevails in such regional contexts. In this paper, we will explore the researches performed in the cities of Santa Maria, Bagé, Alegrete, Uruguaiana and Itaqui, RS, Brazil.

Keywords: homosexuality; homoerotism; space; small city; recognition.



Pequenas cidades e diversidades culturais no interior do Estado do Rio Grande do Sul: o caso das microterritorializações homoeróticas de Santa Maria, Bagé, Alegrete, Uruguaiana e Itaqui

No texto anterior a este, publicado no volume anterior desta revista, desenvolvíamos as discussões dos resultados encontrados na pesquisa recém-doutor, edital ARD 2010 FAPERGS, desenvolvida na Universidade Federal de Santa Maria, de mesmo nome desta publicação, mas enfatizando a análise em duas cidades do interior do Rio Grande do Sul: Santo Ângelo e Cruz Alta, no noroeste deste Estado brasileiro. Assim, salientamos uma discussão sobre as metodologias e as justificativas que norteavam a pesquisa. Dentre elas, discutimos a ideia inicial que convergiu para o desenvolvimento de histórias orais (MEHY, 1991) com sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo destas cidades. No entanto, além dos procedimentos pensados, constituímos uma ampla etnografia (ANGROSINO, 2009), que se revelou pela presença observante e participativa nas atividades da ONG Igualdade Santa Maria-RS e um conjunto de sucessivos trabalhos de campo para composição de entrevistas não-diretivas (roteiro semi-estruturado e aberto às discussões informais e imprevisíveis) produzidas (gravadas) junto a grupos de tais sujeitos nas cidades comentadas.

As definições do caráter metodológico se construíram no decorrer do processo de pesquisa em virtude dos limites e possibilidades encontrados pelo pesquisador, principalmente em decorrência ao trabalho etnográfico no decorrer do ano de desenvolvimento da pesquisa e em período anterior a ela, principalmente devido a sua chegada à cidade de Santa Maria em 2009 e contado com a ONG Igualdade e a líder LGBTT Marquita Quevedo. O caráter etnográfico fundamenta-se em dois aspectos: uma construção ampla que se desenvolveu em diferentes estratégias de contato com o grupo cultural estudado, principalmente pelo acompanhamento nas atividades da ONG Igualdade; contato com outros sujeitos orientados para o mesmo sexo de outras cidades do interior do RS; assim como o uso de redes sociais de internet e trabalhos de campo para conhecer a realidade de vivência das homossexualidades em outras cidades além de Santa Maria. Foi fundamental, neste processo, os debates com os grupos (experiências de conversas informais originas dos trabalhos de campo ou idas a determinadas cidades) para perceber mais a fundo os fundamentos cotidianos de suas vidas vinculadas as singularidades de suas sexualidades.

Em relação ao caráter metodológico partimos da ideia que o 'território' se torna fundamental ao encontro do grupo cultural, assim como na discussão de Bonnemaison (2003), pois ele revela e dá visibilidade ao grupo cultural que até então está invisível ao pesquisador. Assim nos revelaram

diferentes territórios homoafetivos de diferentes escalas: como os lugares de discussão do grupo Igualdade Santa Maria-RS, principalmente a Casa 13 de Maio e a Casa de Cultura, na cidade de Santa Maria; os lugares efêmeros das festas LGBTT's em Santa Maria, em Rosário do Sul e em Cruz Alta-RS; as Paradas Gays (ou da Diversidade) em Santa Maria e Cruz Alta; a vivência efetiva em determinados lugares de encontros amigáveis e de busca sexual homoerótica (ou deriva, ver Perlongher, 1987 e Costa, 2002 e 2008), como a praça Saldanha Marinho, a chamada rua '24 horas' e a boate Barcelona; e os relatos das situações espaciais das vivências das sexualidades dos grupos entrevistados em cidades além de Santa Maria. Não podemos deixar de salientar a importância dos espaços virtuais e redes sociais (mídias eletrônicas) que se tornavam momentos espaço-tempo importantes para criar uma visão singular (pois a visão é do pesquisador e é dada pela experiência) das práticas culturais e sexuais homoeróticas da cidade de Santa Maria-RS (assim como de outras cidades), o trabalho etnográfico de contato informal com sujeitos orientados para o mesmo sexo que nos adensaram de conhecimentos sobre um universo invisível nas cidades pequenas do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Assim, então, desenvolvemos nossa 'etnogeografia' (BONNEMAISON, 2003) homoerótica nesta pesquisa.

Enquanto, naquele texto, desenvolvemos os caminhos que nos levaram a entrar em contatos com certos sujeitos e certos lugares focais, assim como os 'ponta pé' inicial de todo o processo, que se caracterizou pela relação imediata com duas cidades do noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, este se concentra em um segundo momento da pesquisa que foca o contato com sujeitos orientados para o mesmo sexo da zona sul do Estado, mais especificamente relacionados à chamada 'campanha Gaúcha'. Nele podemos perceber realidades diferenciadas das cidades do noroeste do Estado, mais dinâmicas economicamente e mais vinculadas a outros tipo de relação cultural que se caracteriza por gerações mais atuais dos migrantes alemães e italianos das áreas mais tradicionais de colonização da encosta do planalto meridional. O dinamismo econômico das cidades de Santo Ângelo e Cruz Alta movimenta melhor o mercado de consumo juvenil (diferentes singularidades e identificações juvenis em geral) e LGBTT's (festas esporádicas, por exemplo), porém a proeminência da célula familiar que constitui o núcleo monolítico de organização migrante torna conflituosas as relações de sexualidades divergentes a este modelo heteronormativo. Na região das cidades da campanha gaúcha, embora se perceba como regada pelo

Pequenas cidades e diversidades culturais no interior do Estado do Rio Grande do Sul: o caso das microterritorializações homoeróticas de Santa Maria, Bagé, Alegrete, Uruguaiana e Itaqui

‘machismo gaúcho’, teremos algumas surpresas. Em primeiro momento, ao invés de uma formato cultural monolítico pautado na família dos imigrantes europeus (alemães e italianos), a região da zona sul do Estado do Rio Grande do Sul apresenta uma formação ‘geocultural’ mais híbrida, principalmente pela relação de fronteira com os países platinos, pela formação histórica que converge aspectos das culturas espanholas e portuguesas imbricadas, assim como pela forte presença dos elementos indígenas e negros, que se misturam no espaço das estâncias, nas cidades (anteriormente charqueadoras) e nos micro-territórios de expressão cultural (como na própria religiosidade que agrega o catolicismo, o paganismo indígena e as religiosidades afro-brasileiras). É, neste sentido, que, a seguir iremos desenvolver discussões encontradas nas ‘etnogeografias’ estabelecidas em Bagé, Alegrete, Uruguaiana e Itaqui, na fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul e, para finalizar o trabalho, uma atenção à própria cidade de Santa Maria, núcleo sede e produtor dos interesses e relações constituídas pelo pesquisador.

Bagé

As entrevistas em Bagé foram marcadas a partir da relação e ação de Douglas. Conhecemos Douglas no II Encontro Regional LGBT antes da Décima Parada Gay de Santa Maria (em agosto de 2010). Neste evento trocamos contato. Todas as negociações para ida à Bagé foram feitas via Messenger (MSN). Douglas conseguiu marcar uma entrevista com um grupo de amigos locais em sua casa no dia 13 de novembro de 2010. Contamos também com a presença de Marquita Quevedo que se deslocou de Santa Maria conosco. No total foram seis participantes da entrevista com as seguintes idades: 17, 19, 19, 20, 22 e 27, anos. Deles, somente dois faziam faculdade e o restante ainda cursavam o ensino médio, sendo que nenhum deles exercia atividade remunerada de trabalho.

Os aspectos principais que conseguimos captar da entrevista sobre as condições cotidianas de vida de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo em Bagé foram as seguintes:

1 O espaço virtual como espaço de encontro homoerótico e/ou homoafetivo

O site ‘Terra’ e a sala de bate-papo ‘cidades-Bagé’: segundo os entrevistados é na sala de bate-papo do site Terra (cidades-Bagé) que a maioria dos encontros ocorre. Todos os entrevistados usam esta sala virtual para encontrar e marcar algum encontro de cunho sexual, mas também neste mesmo chat eles se

encontram (entre amigos) para conversarem e se divertirem. Segundo eles, em tempo passado, muito próximo, o site disponibilizava três salas, mas atualmente somente uma. Muitos chegam a ficar quase duas horas tentando ‘entrar’ e encontrar uma ‘vaga’ disponível, salientando a forte procura. Duas situações ocorrem neste espaço virtual: primeiramente querem encontrar alguém para se relacionar sexualmente, mas acabam sempre encontrando alguém já conhecido e tido como amigo; por outro lado conseguem sempre marcar com sujeitos que se consideram heterossexuais e levam uma vida como tal, mas que, esporadicamente, procuram e efetivam alguma relação homoerótica. Nesse site, muitos deles alegam terem ficado com os mesmos ‘caras’, sendo comum a ‘divisão’ dos ‘bofes’, como eles argumentam. Isto evidencia um círculo de relações contraditórios composto por alguns mesmos sujeitos, contraditório por definir-se relações sexuais/afetivas com sujeitos de identificações muito diferentes quanto às significações sociais dos seus desejos. Círculo de relações pautadas nas contínuas reproduções de aspectos de posições dos sujeitos envolvidos quanto às experiências sexuais.

2 A significação e o processo de identificação quanto à homossexualidade em Bagé

Muitos alegaram a identificação desde criança com atividades mais ligadas ao universo feminino, principalmente com as brincadeiras com bonecas e a aversão a atividades mais rudes, como futebol na escola. Douglas, por exemplo, argumentou a aversão a atividades bruscas e atração desde a infância a atores (galãs) de novelas, que aos poucos começou a ser significada como comportamentos divergentes ao seu sexo. Em sua vida foi o próprio pai que argumentou que “homem que gostava de homem era considerado ‘puto’”, mas na escola este atributos pejorativos (‘puto’, ‘bicha’, ‘mulherzinha’) foram intensificados pelos colegas e, aos poucos, se tornou um problema a ser superado em sua vida. No ano de 2006 resolveu contar sobre a construção de sua identidade para sua mãe e isto foi considerado por ele um dos marcos de sua vida. A mãe acabou aceitando depois de ficar muito triste e hoje se tornou uma grande amiga dele, sendo crucial esta relação familiar para sua aceitação para a própria afirmação dele como sujeito de sua afetividade e prazer homoeróticos.

Outros alegam terem tido muita dificuldade de aceitação na família, principalmente em relação ao pai, sendo que, muitas vezes, era pela força e violência que era reprimida a expressão de uma sexualidade desviante das condições rígidas de gênero, principalmente aqueles que nasceram e cresceram em outras cidades menores que Bagé, como Aceguá e

Candiota, por exemplo. Muitos alegam que a relação entre orientação sexual para o mesmo sexo e transgenia é uma regra em cidades do interior, inclusive pela pressão de outros setores sociais, como família e escola. Um entrevistado alega que um dos problemas que enfrentou na família era a confusão que faziam entre 'atração homoerótica' e travestismo, ou seja, os próprios membros da família alegavam que se fossem atraídos pelo mesmo sexo deveriam assumir-se como mulheres e assim se travestir. Isto talvez implique que em cidade menores os sujeitos orientados para o mesmo sexo apresentem duas possibilidades: ou se vive uma vida dicotomizada em relação a um comportamento heterossexual e experiências camufladas homoeróticas (encontros escondidos com outros homens e manutenção de uma vida familiar heterossexual) ou, então, encontrem a liberdade de desejo na transição para uma expressão contida no gênero oposto, ou seja, constrói sua identidade feminina e travestem-se.

A divulgação, pelos veículos de mídia, de outras identidades juvenis, permitiu o vínculo do homoerotismo com expressões culturais urbanas atuais não tão rígidas em relação à dicotomia sexual entre uma vida heterossexual social e íntima homoerótica, assim como a transgressão efetiva de gênero dos travestis. Novas identidades culturais e estéticas como os 'emos', os 'coloridos', 'os clubbers' e os 'neopunks' vão permitir produzir outros grupos urbanos que podem negociar novas formas de expressões e comportamentos sexuais, não se vinculando totalmente ao travestismo e/ou a vida vinculada a uma heterossexualidade representada e um homoerotismo velado.

3 Alterações quando a aceitação das expressões homoeróticas em Bagé

De acordo com os entrevistados, Bagé tem se transformado muito em relação a posturas discriminatórias quanto à homossexualidade. Um dos fatores principais foi a instalação de universidades na cidade, principalmente a UNIPAMPA, que fez circular uma diversidade de sujeitos e, principalmente aumentou a ocorrência e a visibilidade de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo. Desta forma, há três anos a discriminação era mais acentuada. A conexão de Bagé a novos comportamentos e expressões estéticas promovidas pela maior circulação de sujeitos universitários alterou a postura dos habitantes quanto à homoafetividades. Por outro lado, alegam que a mídia faz alterar posturas rígidas e tradicionais em todos os lugares, tornando positiva a abertura as novas expressões de diversidade de sujeitos, principalmente quanto às culturas juvenis e

quanto à diversidade de comportamentos afetivos. As expressões alternativas tornam-se mais visíveis na cidade e muitos dos sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo acabam se vinculando a tais expressões para poder exercer, por elas, uma sexualidade homoerótica, principalmente quanto ao cuidado com o cabelo e a produção de cortes alternativos, assim como novas roupas e acessórios que misturam tendências de gênero sem se importar com o sexo que as vestem. Mas todos alegam que ainda é pouco evidente em Bagé a ocorrência de 'metrossexuais' heterossexuais e que todos aqueles que tendem a se vestirem e se expressarem de forma mais alternativa (não confundindo isto com transgenia) tendem a se vincularem as certas expressões e comportamentos homoeróticos, quase sempre se assumindo como gays.

Todos eles verificam que ocorreu em Bagé um 'surto de gays' nos últimos três anos. Isso, talvez, seja pela maior possibilidade de 'assumir-se' quanto, uma vez que conseguem encontrar grupos de amigos que se apoiam quanto à assunção da identidade e a romper o preconceito de outros e quanto a si mesmos. Os equipamentos de comunicação e a mídia eletrônica foram muito importantes para isso, pois facilitam os contatos diversos e divulgam possibilidades culturais e sexuais diversas. Outro fator também foi a forte imigração de jovens para a cidade (geralmente de cidades menores, principalmente para estudarem e procurar trabalho) que, de certo ponto, se promove o desvinculo quanto às obrigações familiares locais e incentivam a procura de uma forma de expressão original quanto suas vontades e necessidades afetivas.

4 Bagé como centro urbano de liberdade de expressão

Um dos fatos que nos chamou a atenção nesta atividade foi descobrir a importância de Bagé como centro urbano de característica mais cosmopolita. Pensávamos em Bagé como uma cidade de interior com certa cultura rígida de herança da família patriarcal dos antigos gaúchos estancieiros, mas descobrimos que Bagé se torna uma referência em relação à outra escala de relações urbanas, principalmente àquela que liga a cidade a cidades menores da região da fronteira e das Serras do Sudeste do Rio Grande do Sul. Bagé se torna centro urbano vinculado aos serviços, à diversão, ao mercado cultural e ao ensino em relação a cidades como Candiota, Aceguá e Dom Pedrito, por exemplo.

Muitos dos jovens dessa cidade não veem Porto Alegre como expressão máxima de libertação e de contato com o cosmopolitismo e/ou a diversidade cultural baseada a expansão do mercado de diversão,

mas Bagé. Um dos sujeitos participantes do grupo alega ter nascido e crescido em Aceguá, mas foi em Bagé que conseguiu finalmente assumir-se como gay e viver intensamente afetividades vinculadas a isto. Quando chegou a Bagé teve como vínculo de identificação o 'Serginho' do 'Programa Big Brother', da TV Globo. Alega que em Aceguá sempre foi conhecido como 'bichinha', mas andava sempre muito reprimido. Sua residência em Bagé tornou-o mais seguro de si e mais livre para poder expressar uma postura mais alternativa em relação à postura de gênero, principalmente tendo como ídolo de expressão o 'Serginho'. O distanciamento da família e a possibilidade de encontrar amigos também orientados sexualmente para o mesmo sexo foi de crucial importância nesse processo.

Outro sujeito entrevistado do grupo também alega ter vindo de Candiota. Nessa cidade também, sempre fora conhecido como gay, mas nela sempre apresentou receio de assumir-se definitivamente. Bagé foi especial para ele para poder assumir-se. Em Bagé conheceu os amigos pelo site: 'Terra' e desde então conseguir viver plenamente e sem preconceito próprio sua sexualidade. Foi na cidade que teve sua primeira relação sexual com outro homem, mesmo já em Candiota saber de seu desejo. Alega conhecer bem a realidade de Porto Alegre, mas embora essa cidade apresente mais bares destinados ao público gay, alega que a vida em Bagé não é tão diferente como a de Porto Alegre, principalmente porque já possui um bom círculo de amizades e de facilmente poder manter afetividades e encontros sexuais com outros homens.

O grupo alega que não se deslocam muito de Bagé para ir a festas em outras cidades, principalmente pelas dificuldades financeiras para isto. No entanto, quando ocorre, os lugares de deslocamento são Porto Alegre e Pelotas, muito pouco para Santa Maria. Salientamos isto, pois pensávamos que Santa Maria funcionava como polo de vivência de sexualidade para os sujeitos desta cidade, mas Pelotas, por estar mais próxima, e Porto Alegre, por ser o centro metropolitano do Estado, exerce mais influência quanto ao deslocamento.

5 Lugares de encontros gays em Bagé

A chamada 'Praça Escura' (Praça Dr. Albano) é considerada praça de 'PG' ou 'programa' ou ainda prostituição de travestis. Alegam não frequentarem a Praça Escura, pois todos as travestis estão muito ligadas ao uso de drogas e a convivência com traficantes, sendo muito perigoso a eles em virtude de assaltos que possam acontecer tanto por parte das travestis como por outros sujeitos, muitas vezes traficantes ou simples assaltantes usuários de drogas,

que também frequentam a praça. Tempos atrás mantinham uma relação muito próxima com as travestis e frequentavam sem problemas tal lugar, porém alegam que a disseminação do uso de drogas fez da praça e o comportamento de travestis não muito amistoso, tornando isto uma fronteira rígida de convivência entre as travestis e outros grupos de gays da cidade, o que culminou na assunção de uma postura cada vez mais transgressora e ilícita delas em relação ao restante da sociedade.

A escola sempre foi um problema a plena convivência de todos, mas alegam terem diferentes tipos de escola. Alguns alegam que certas escolas são mais rígidas em termos de comportamento e que a mudança para uma escola menos rígida tornou-se lugar importante para construção mais tranquila da sexualidade. As festas de final de ano também se tornam sempre complicadas para todos, principalmente porque envolve a reunião familiar e todos querem saber da vida que levam, sempre perguntando sobre namoradas, sobre casamento e coisas que envolvem a vida heterossexual, tornando sempre constrangedoras certas situações.

A vida gay, para a maioria dos entrevistados, torna-se vinculada a um constante desafio de superação de preconceitos e discriminações em diversos lugares de convivência social, como a família, a escola, o quartel, o trabalho e, até mesmo, no prédio em que moram. Em sucessivos lugares deve-se apreender a adquirir uma 'maleabilidade' de comportamentos e de expressões, assim como construir a aceitação paulatina dos demais sujeitos para tornar-se livre e sincero quanto suas próprias singularidades.

A Praça dos Esportes (Praça Rio Branco) tornou-se o lugar de reunião da diversidade cultural de Bagé. É neste lugar que os entrevistados, amigos íntimos, se reúnem em todos os finais de semana no final da tarde e, na qual, diversas 'tribos' juvenis se encontram. Alegam não ter coragem de beijar outro homem na avenida principal de Bagé (Av. Sete de Setembro), mas terem coragem para fazerem isto na Praça Esporte, uma vez que lá estariam protegidos pelo próprio grupo e por toda uma diversidade que circula no lugar. A Praça dos Esportes e a Praça do Coreto (Praça Silveira Martins) são os lugares em que frequentemente se reúnem. A Praça Escura tornou-se lugar de frequência de travestis, traficantes e drogados, por isto não frequentam mais. Ocorrem festas GLS esporádicas (House e Paradise) na cidade, nessas festas sempre ocorre à frequência de 'supostos' heterossexuais que se aproveitam da oportunidade para terem relações com outros homens. Outros bares de grande frequência gay, mas que não são considerados exclusivos para isto são: Atelié Coletivo,

Pequenas cidades e diversidades culturais no interior do Estado do Rio Grande do Sul: o caso das microterritorializações homoeróticas de Santa Maria, Bagé, Alegrete, Uruguaiana e Itaqui

Na ONU, Maior Universitário. Nesses bares/boates ocorre sempre uma diversidade de expressões juvenis e a presença sujeitos gays acabam contribuindo a esta diversidade. Muitas vezes o ambiente sugere um homoerotismo camuflado em que muitos se aproximam para manter certa experiências homoerótica, mas não se identificam claramente como sujeitos gays.

Nestes lugares os grupos de gays da cidade divergem quanto a seus atributos estéticos e seus comportamentos. O próprio grupo de entrevistados auto identificam-se com 'bichinhas quá quá', ou seja, 'se aceitam e vestem a camiseta de gay, não se preocupando em demonstrarem-se como machos'. Todos alegam usarem tênis 'All Star', 'chaparem' o cabelo e vestirem com roupas mais justas e mais coloridas, assim como expressarem fortemente atributos mais efeminados (no entanto, não se travestem). Muitos, entre os próprios sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo, os discriminam por terem este tipo de comportamento, principalmente àqueles que procuram ter uma postura menos transgressora e estarem mais comprometido com as posturas adequadamente relativas ao gênero masculino. Muitos outros também, se diferenciam por apresentarem uma posição social (econômica) mais elevada. Informaram-nos do grupo das 'Sete Passivas' que não se misturam, pois querem manter uma 'postura mais masculina, mas todos sabem que vão as festas para pegarem os bofes'. Ter um carro, por exemplo, se torna fator de separação econômica entre grupos de sujeitos orientados para o mesmo sexo, assim como posturas e estéticas mais ou menos transgressivas quanto às qualidades de gênero sexual. Nas festas GLS esporádicas estes grupos se separam claramente, produzindo grupos fechados quanto à convivência. No dia 13 de novembro, quando estávamos na cidade, tivemos a oportunidade de ir à festa Paradise e notamos claramente essas distinções. Estávamos com nossos entrevistados, ou seja, as 'bichinhas quá quá', que alegremente se divertiam, falavam alto, dançavam freneticamente e demonstravam certas performances que transgrediam as estéticas e comportamentos de gênero masculino (mais efeminados e imitando certas danças e trejeitos das divas da 'dance music'). Outros grupos se diferenciavam e se segregavam na festa por demonstrarem um comportamento não tão transgressivo, principalmente por terem homens e mulheres no mesmo grupo e pelos homens, embora procurassem outros homens para se relacionarem sexualmente, faziam o esforço de se apresentarem da forma mais masculinizada possível. Certos atributos relacionados às questões de ordem econômica, como

roupas e acessórios caros e de marcas famosas, assim como o alto consumo no local, também diferenciava os grupos. Outro fator de segregação que verificamos também se refere às questões de faixas etárias.

Aspectos a salientar das experiências de pesquisa em Bagé-RS

A pesquisa em Bagé nos aproximou de uma realidade diferente que estávamos acostumados a observar: uma hipótese que Porto Alegre se torna um centro único de diversão e de convivência homoerótica. Na realidade de alguns sujeitos, Bagé torna-se um centro de excelência de diversão e de libertação de certas expressões culturais alternativas, como a respeito das homoafetividades. O relato das condições de vida de sujeitos orientados para o mesmo sexo em cidades como Aceguá e Candiota muda o caráter de Bagé em relação ao cosmopolitismo, a liberdade de expressão e ao mercado de diversão e de diversidade cultural. Isto foi um achado na pesquisa e uma desconstrução de nossa teoria da relação rígida entre capital e interior quanto as possibilidade de vivência da homossexualidade quanto à capacidade da cidade se aproximar de um modo de vida mais cosmopolita.

Outro fato que se revelou na pesquisa são as atuais alterações sociais em relação às expressões homoeróticas que se alteram, até mesmo, no interior. Nas cidades do interior ocorre comumente a dicotomia entre travestis e sujeitos que se adequam a uma vida heterossexual e vivem esporadicamente experiências homoeróticas. Ocorre duas possibilidades quanto à rigidez das definições de sexualidade: ou o sujeito vive a homossexualidade plenamente e se torna um travesti (se aproxima efetivamente do corpo e expressão feminina) ou o sujeitos reprime a sexualidade em condições e instituições heteronormativas e camufladamente vive experiências homoeróticas. Em uma cidade pequena, uma 'comunidade gay' torna-se mais difícil de ser efetivada. Em Bagé isto mudou em poucos anos, principalmente pelos novos comportamentos e expressões divulgados pelas mídias, pelos novos investimentos que ocorrem na cidade e fazem circular outros sujeitos provenientes de outros lugares, fazendo de Bagé um lugar para se libertarem das amarras heteronormativas, principalmente de jovens que se deslocam para a cidade para estudarem. Assim, aos poucos, se constrói uma comunidade gay de homens que não se transformam em travestis e também não se adequam a uma vida heterossexual: sutilmente transgridem as posturas, comportamentos e estéticas de gêneros sexuais. Suas expressões vinculam-se as

Benhur Pinós Pinós da Costa

estéticas ditadas pela mídia com um toque de criatividade em cada corpo que se expressa. Apresentam-se como novos homens que gostam de outros homens, mas que não se travestem para viver a homoafetividade, ligando-se a uma variabilidade de estéticas juvenis que encontramos na publicidade e na cultura de consumo e de expressão culturais da televisão e da internet.

Alegrete

As entrevistas em Alegrete foram marcadas pelo contato com João Inácio, presidente da ONG Grupo Esperança. Primeiramente tentamos entrar em contato com representantes da Secretaria de Saúde do Município que estiveram presentes na Décima Parada Livre de Santa Maria (agosto de 2010), mas não obtivemos sucesso para marcar as entrevistas. Também por e-mail não conseguimos contato com a enfermeira chefe da Secretaria Municipal da Saúde do Município Heili Temp, coordenadora do programa de prevenção DST/AIDS. Foi somente tentando por Orkut digitando 'Heili e Alegrete' que conseguimos contato com a coordenadora. Por Orkut, finalmente conseguimos o contato com João Inácio do Grupo Esperança. Assim que fizemos contato, João Inácio se demonstrou muito interessado em contribuir com a pesquisa, marcando a entrevista com um grupo de sujeitos no dia 19 de fevereiro de 2011.

Logo chegando ao Grupo Esperança, Inácio nos mostrou um material de arquivo que representava um apanhado histórico das atividades da ONG. Hoje essa liderança alega que é muito respeitado perante as lideranças políticas da cidade e faz um trabalho muito competente junto aos grupos de pessoas portadoras de HIV/AIDS, assim como campanhas de prevenção as DST's em geral, principalmente com profissionais do sexo. Inácio é enfermeiro aposentado e hoje se dedica as causas de reconhecimento de uma diversidade cultural e sexual banida da sociedade Alegretense, subsidiando os mais necessitados e aqueles que enfrentam as dificuldades de se viver plenamente uma sexualidade divergente quanto a uma sociedade rígida da campanha gaúcha. Inácio estava muito contente neste momento, pois tinha obtido um recurso de edital da Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul de aproximadamente cem mil reais para promover uma campanha intitulada 'Esquina sem Homofobia', coisa que nos chamou muito atenção, pois está muito relacionado com o tema de nossa pesquisa. Desde já, Inácio convidou-nos a participar de algumas atividades futuras dessa campanha e, nos demonstramos solícitos a contribuir.

O grupo de sujeitos que Inácio reuniu para a

entrevista também representa um grupo jovem de quatro rapazes de idade próximas a 19 e 20 anos. Os temas principais abordados na entrevista foram:

1 Preconceito e discriminação

Consideram a sociedade alegretense muito preconceituosa e apresentam dificuldade de encontrar trabalho, pois qualquer expressão pessoal que possa lembrar certo efeminamento já torna o sujeito estigmatizado e excluído do mercado de trabalho, isto alega um dos entrevistados que atualmente está desempregado e com muitas dificuldades de encontrar emprego. Muitos deles relataram cenas de chacota e de discriminação em vários ambientes sociais, principalmente na escola e, até mesmo, na rua. Algumas situações são citadas, como na passagem perante um sinal de trânsito em que, muitas vezes se houve frases como 'sai da frente putão'. Neste sentido, alegam sobre dificuldade em viver em uma cidade tão preconceituosa. Por outro lado também, salientam os aspectos paradoxais destas convivências, em que muitos homens que discriminam homossexuais na cidade acabam sempre procurando os mesmo homossexuais e os travestis para terem alguma experiência de prática sexual. Em grupos de homens heterossexuais, a demonstração homofóbica, conforme falam os entrevistados, parece um elemento de autoafirmação machista.

2 Relacionamentos e construção da identidade sexual

Todos os entrevistados alegam que procuram homens bem masculinos. Salientam que gostam de serem passivos na relação sexual e geralmente procuram homens que não apresentam trejeitos afeminados e não se identificam como gays. Pensam que talvez isto faça parte da construção da identidade em uma cidade do interior que separa muito aquele que quer assumir um papel feminino e aquele que quer assumir um papel masculino na relação. Por outro lado, sabem também de muitos homens que procuram as travestis e gays assumidos para exercerem um papel feminino e passivo na relação, mas que, socialmente, se demonstram 'machões' e, até mesmo, homofóbicos. Todos alegaram terem tido relações sexuais muito cedo, muitos próximos aos sete e dez anos de idade. Durante essa fase nunca significavam uma identidade gay, somente sentiam prazer em praticar tais atos sexuais com primos, vizinhos e, até mesmo, com adultos, como empregados de lavouras das proximidades da casa em que moravam. É na escola que começaram a significar o comportamento desviante, pois eram sempre alvos de chacotas. Na família, muitos encontraram bastante dificuldade de

Pequenas cidades e diversidades culturais no interior do Estado do Rio Grande do Sul: o caso das microterritorializações homoeróticas de Santa Maria, Bagé, Alegrete, Uruguaiana e Itaqui

aceitação, sendo que muitos dos entrevistados alegam terem sido alvo de violência familiar pela discriminação quanto à orientação sexual que começavam a construir.

Mesmo mantendo uma vida muito precoce sexual e passando por diversas discriminações e estigmatizações, se divertem ao contar e tornar hilárias os eventos e as experiências sexuais que mantinham com muitos dos primos e vizinhos que hoje apresentam uma vida condizente aos padrões de uma sociedade heteronormativa. Situações de lugares inusitados nas quais faziam sexo com outros homens, conforme foram relatadas, como nas margens do Rio Ibirapuitã, sobre as árvores (como o caso de uma que nos contou de forma muito alegre suas experiências sexuais com rapazes de sua idade e mais velhos sobre uma árvore amoreira), assim como, quando um deles fugia de casa após o meio dia, durante a chamada 'sesta' para ir fazer sexo com trabalhadores rurais chamados por ele de 'brejeiros'. Os casos de sexo inusitado e aventureiro imersos em uma aura de perigo e de pecado torna-se uma diversão para o grupo e apresenta-se como um conjunto de assuntos que traz união e alegria entre eles. As dificuldades afetivas e de viver plenamente a sexualidade produz um esperteza tática para que a sexualidade seja exercida e muitos eventos táticos tornam-se divulgados como atos de coragem e de diversão, como uma representação cômica do pecado e daquilo que é estigmatizado.

3 Grupos diferenciados e lugares de encontros

Embora todos os quatro entrevistados serem muito jovens (19 anos aproximadamente) já alegam terem certas divergências com grupos de 'emos' de menor idade (aproximadamente 14 anos) que ficam nas duas praças principais da Cidade: a praça General Osório e a Praça Getúlio Vargas (da Igreja Matriz). Ambas as praças são altamente frequentadas pela diversidade cultural da cidade. Na Praça Getúlio Vargas, os carros durante a noite estacionam ou ficam dando voltas. No interior da praça, se reúnem uma diversidade de grupos juvenis, inclusive os gays. As travestis ficam mais fora da praça na esquina das ruas General Cabrira e Venâncio Aires. Elas saíram do centro da Praça devido ter tido um investimento público em iluminação, no intuito de limpeza das práticas que lá estavam presentes. Há também certa concentração de travestis na Avenida Assis Brasil. De acordo com os entrevistados, as travestis são um grupo mais fechado e frequentemente ocorre conflitos entre 'emos', outros grupos de homens jovens e as travestis. Inácio, por exemplo, alega que as travestis se demonstram ser um grupo problemático na cidade, em que a ONG Esperança procura se aproximar constantemente para

tentar amenizar esta separação existente entre elas e demais gays da cidade, assim como amenizar as práticas constantes de violência homofóbica.

As danceterias mais frequentadas da cidade são a Hangar e a Vinil, que esporadicamente produzem festas GLS, mas nunca as travestis frequentam tais festas. No balneário 'Passo Novo', perto da ponte do Rio Ibirapuitã, sempre ocorre 'pegação'. Todos os entrevistados dizem que se deslocam até lá, sozinhos ou em grupos, para paquerarem e, na maioria das vezes, encontram alguém para efetivar uma experiência sexual pelas matas próximas ao rio.

O carnaval se torna um evento gay na cidade. Em Alegrete se torna um dos únicos eventos nos quais os gays podem se divertir com certa liberdade. As escolas de samba promovem concursos de rainha gay nas quais alguns se travestem para concorrer.

Aspectos a salientar das experiências de pesquisa em Alegrete-RS

O contato com Alegrete foi gratificante, pois tivemos a oportunidade de manter relações com o grupo Esperança, entidade extremamente organizada que faz um ótimo trabalho de prevenção às DST's/AIDS e contra homofobia junto aos sujeitos orientados para o mesmo sexo, profissionais do sexo e travestis da cidade. A partir deste contato, sugerimos participar efetivamente do projeto 'Esquina sem Homofobia' de autoria de João Inácio, líder da ONG.

Novamente observamos, que as praças das cidades de interior, como Alegrete, são lugares de referência para reunião das diversidades culturais e juvenis. Outro lugar interessantes de 'pegação' gay da cidade é o balneário as margens do Rio Ibicuí, lugar de referência dos sujeitos orientados para o mesmo sexo para efetivarem paqueras e práticas afetivas e sexuais. Interessante que um rio tão importante para a cultura gauchesca (citado na música 'Canto Alegretense') pode ter tais significados invisíveis para a sociedade local e regional. Estas invisibilidades sobre as referências e as práticas espaciais dos lugares que tornam fascinante este tipo de pesquisa. Além disso, tais invisibilidades ocorrem, pois se referem a práticas discriminadas pela sociedade e, assim, apresentam-se com táticas transgressivas. O ato de transgressão rompe a rigidez do social e permite a expressão da diversidade. Cabe a todos prepararmos uma nova sociedade para reconhecer toda esta diversidade de significados e de práticas espaciais para uma convivência mais justa e mais harmônica em sociedade.

Benhur Pinós Pinós da Costa

Itaqui e Uruguaiana

O trabalho de campo em Itaqui e Uruguaiana foi marcado pela ajuda de João Inácio, do Grupo Esperança de Alegrete, a partir de contatos que ele promoveu. A ida a estas cidades foi bastante singular, principalmente porque conseguimos entrevistar um grupo de travestis de Itaqui, entendendo um pouco mais deste universo. A ida em Uruguaiana não foi muito satisfatória, pois somente conseguimos entrevistar um rapaz que se disponibilizou em reservar um tempo de seu dia de trabalho, no sábado, para ser entrevistado. Ao chegar à cidade não conseguimos localizar as pessoas antes contatadas por João Inácio, somente este rapaz. A entrevista com este rapaz em Uruguaiana não foi gravada, uma vez que ele nos recebeu na rua mesmo, na própria calçada perto do salão de beleza em que trabalhava. No entanto, conseguimos obter algumas informações interessantes dele. Nos trechos, a seguir, vamos fazer um breve relato da conversa em Uruguaiana e depois em Itaqui.

Uruguaiana

Conversamos com um cabeleireiro de 25 anos da cidade e ele nos relatou que a cidade apresenta uma representativa população gay, chegando a ter um espaço exclusivo para a população GLS chamada 'Casa Rosada'. O entrevistado também argumentou que todos os domingos à tarde a população gay da cidade se reunia na Praça Farroupilha e que a prefeitura organizou um sistema de vigilância policial para impedir certas expressões, tidas, assim, como subversivas. Este fato não foi divulgado como repúdio a certas expressões homoeróticas que ocorriam na cidade, sendo reveladas como iniciativa de repressão a certos atos ilícitos que ocorriam na praça como o consumo de drogas e assaltos. Porém o entrevistado argumenta que tais atos não ocorriam e o problema principal foi relacionar tais atos com a concentração e a expressão livre de afetividade entre sujeitos orientados para o mesmo sexo. Este fato ocorreu no ano de 2009.

Outro fato interessante que conhecemos nesta entrevista foi à relação internacional de fronteira que, também, determina uma convivência singular de sujeitos orientados para o mesmo sexo. Existe um trânsito constante entre sujeitos orientados para o mesmo sexo entre as duas cidades de fronteira, Uruguaiana (Brasil) e Passo de Los Libres (Argentina). Ambos frequentam festas, bares e boates de ambas as cidades, sendo que a 'Casa Rosada' é um lugar de referência para ambos as nacionalidades. No entanto, existe certa rivalidade entre grupos de argentinos e

grupos de brasileiros e esta rivalidade é principalmente revelada em eventos GLS da cidade, como nos concursos em shows de Drag Queens e Travestis. Argumenta que o grupo mais problemático nestas disputas e conflitos são as travestis e que existe uma nítida separação entre grupos de travestis argentinos e brasileiros e isto determina, por exemplo, desavenças em concursos e shows de transformismo em festas locais, assim como na vida cotidiana relacionado as desavenças em relação a disputa de namorados e de pontos de prostituição. Não conseguimos saber mais desta realidade, somente essa informação do entrevistado que conhece melhor a vida de Uruguaiana. Talvez este fosse um ponto necessário ao aprofundamento em outra pesquisa.

O entrevistado também alega que não existe muito deslocamento da população local para outras cidades e que Uruguaiana é uma referência de festas GLS da região. Muitos outros gays se deslocam para Uruguaiana, vindos de cidades menores, para terem oportunidades de encontrar outros gays em ambientes festivos, como boates e bares da cidade, e, principalmente, durante o carnaval. O carnaval de Uruguaiana é uma referência no Estado e no Brasil como um dos carnavais mais animados e bem produzidos fora da época tradicional do carnaval. O entrevistado alega que existe uma ampla participação de grupos de travestis e população gay em geral. Grande parte da população que realmente participa e produz o carnaval são gays e que a folia se transforma numa grande celebração ao homoerotismo e a transgressão das estéticas e comportamentos de gênero.

Itaqui

Em Itaqui, como tínhamos antes argumentado, conseguimos fazer entrevistas com quatro travestis locais. A entrevista foi feita em uma casa de prostituição, também chamado de 'bordel', mas especificadamente de prostituição feminina. João Inácio conhecia o proprietário do bordel que também se dizia gay assumido. O contato com estas travestis fora feito pelo dono da casa noturna. Já na casa trabalhava na copa do 'bordel' uma travesti que ajudou a articular a entrevista com mais três colaboradoras. Foi muito interessante esta experiências de fazer as entrevistas durante o início da noite no mesmo momento em que chegavam os primeiros clientes das prostitutas. Não tivemos contato com as prostitutas, pois este não era o objetivo do trabalho, mas fomos muito bem recebidos por todos na casa. A seguir, descrevemos os principais assuntos tecidos durante a entrevista.

Benhur Pinós Pinós da Costa

Pequenas cidades e diversidades culturais no interior do Estado do Rio Grande do Sul: o caso das microterritorializações homoeróticas de Santa Maria, Bagé, Alegrete, Uruguaiana e Itaqui

A travesti que assumiu o controle da conversa é conhecida como ‘Serginha’ (no feminino). Serginha se diz precursora da ‘bandeira GLS’ da cidade de Itaqui e realmente ela é considerada pelas outras travestis presentes como a pessoas mais experiente e mais acolhedora da cidade, sendo referência de liderança e afetividade para todas. Serginha começa a falar sobre os avanços nas lutas de reconhecimento dos travestis locais e argumenta que devido a ação dela e de suas colegas, a cidade hoje se apresenta muito promissora quanto a boa convivência social das travestis. Ela nos fala de um grande reconhecimento do poder público de colocar atualmente em processo a produção da lei municipal de instituição de um terceiro banheiro em bares e casas comerciais de diversão noturna. Algumas casas já apresentam este terceiro banheiro e outras já reconhecem o direito e o dever das travestis frequentarem o banheiro feminino. Em uma casa noturna conhecida da cidade (GSS) alegam que estavam se deslocando para o banheiro masculino e o vigilante do local disse, com muito respeito, que elas ‘estavam autorizadas a frequentar o banheiro feminino’. Até mesmo em uma instituição tradicionalista, chamada de ‘Piquete Dom Lagarto’, os seguranças e a ‘patroa’ do piquete, em certa ocasião da presença do grupo de travestis, que a casa se responsabilizava pela segurança delas e, assim, elas deveriam frequentar o banheiro feminino para evitar certo constrangimento com homens locais que poderiam não entender o compartilhamento do banheiro masculino com travestis.

Serginha alega que na cidade não existe uma ONG, mas a ação corajosa de algumas travestis em reivindicar junto ao poder público alguns direitos para com a especificidade de suas vidas, tem apresentado muito resultado. Sempre em seu discurso, Serginha afirmou que o importante é manter uma postura de respeito e de dignidade para com a sociedade e, por este viés, todos concederão respeito e justiça para com a diferença. Isto já se construiu, segundo ela, em Itaqui. O grupo travestis que entrevistamos alegam-se inseridos plenamente no mercado de trabalho local, trabalhando principalmente em casas de família e em bares, assim como cabeleireiras e cozinheiras e também promovendo eventos. Poucas são as travestis que precisam se prostituir para sobreviver em Itaqui, embora frisarem a existência de algumas travestis em que a relação da “quadra” (ou prostituição de rua) está muito vinculada ao consumo e ao tráfico de drogas.

Serginha também nos contou que está esperando uma audiência pública com o prefeito, devido um incidente ocorrido no carnaval da cidade. De acordo com ela, a coordenadora do órgão público responsável pelo carnaval barrou a eleição da rainha gay do

carnaval. Contradizendo as ordens da coordenação, a vice-prefeita e o presidente da câmara de vereadores mantiveram o evento de escolha da rainha gay. Isto gerou um conflito das lideranças municipais, no qual a coordenadora do carnaval, por um lado, alegava que não existe sanção legal para tal evento ocorresse e que o prefeito, por outro lado, assumiu tudo ‘de boca’, ou seja, não tendo nada oficializado. Hoje ela espera uma audiência pública para ser decretada oficialmente a escolha da rainha gay do carnaval de Itaqui.

A Kevin (no feminino mesmo) diz que nasceu e cresceu na cidade de Quaraí e acha Itaqui um lugar extremamente acolhedor e bom para se viver. Não enfrenta preconceito na cidade e alega que Itaqui apresenta a fama, entre as travestis, de facilidade de se conseguir um namorado. Muitas delas casam e mantém relações muito duradouras na cidade. Alegam que tais relações reproduzem o molde marido e mulher numa relação entre um homem supostamente heterossexual e uma travesti. A própria Kevin trabalha em uma floricultura muito bem frequentada na cidade e não encontra preconceito em relação aos clientes que vão ao estabelecimento, muitos deles são fregueses assíduos e mantém uma relação muito próxima com ela.

Cris também trabalha e um salão e em uma boate noturna. Durante muito tempo se prostituiu, ainda faz alguns programas, mas não precisa exatamente disto. Demonstra-se muito feliz em estar no mercado de trabalho e elogia a sociedade de Itaqui por acolherem sem preconceitos muitas das travestis. Outras são discriminadas, pois assumem uma postura ‘bafona’ (ou seja, extravagante e muito escandalosa) e ainda estarem na quadra se prostituindo e se relacionando com o mundo das drogas. Mas a tudo isto as travestis mais novas alegam terem tido a força da Serginha que desde cedo foi lutando e preparando a sociedade para a melhor inserção das mais novas.

Serginha vem de uma família de 14 irmãos. Quando era menino teve muito problemas de saúde e a família fez uma ‘promessa’ de não cortar o cabelo. Devido seus problemas de saúde, foi superprotegida em seio familiar e criada como uma menina. No decorrer dos fatos sempre achou que era uma menina, embora muito duvidassem que isto pudesse acontecer e ainda falassem ‘este menino vai ser puto, veja só o jeito dele...’ Com os pais nunca teve problemas, somente com um irmão mais velho que a espancava. Com 10 anos saiu de casa e foi para Porto Alegre com outras travestis. Não se prostituiu, mas argumenta com afeto que suas amigas se prostituíam para sobreviver e cuidar dela, que era mais nova. Com 11 anos começou o processo de se tornar mulher, tomando hormônios. Em Porto Alegre começou a cursar escolas de

Benhur Pinós Pinós da Costa

Pequenas cidades e diversidades culturais no interior do Estado do Rio Grande do Sul: o caso das microterritorializações homoeróticas de Santa Maria, Bagé, Alegrete, Uruguaiiana e Itaqui

formação de cabeleireiro e se diz uma vencedora por nunca ter que trabalhar com prostituição, assumir-se como travesti e conseguir sempre um lugar no mercado de trabalho.

Cris, por outro lado, já teve muito problemas com o pai, inclusive de agressão. Foi trabalhar em casas noturnas se prostituindo. Hoje mora com a avó e também é cabeleireira. Diz que ainda faz alguns programas eventuais, mas não depende disto para viver. Ao falar dos problemas de sua família Cris se emocionou, principalmente em relação a situações constrangedoras com o pai. Hoje sua família está em Porto Alegre e ela mantém um contato muito esporádico com sua mãe, além da avó, com quem mora. Travestiu-se com 18 anos de idade (no dia da entrevista tinha 21 anos, sendo então muito recente), mas notamos que Cris se apresenta como uma mulher muito elegante e charmosa, não demonstrando ter traços masculinos. Também alega ter tido o apoio da Serginha para se erguer das dificuldades de inserção social. Durante algum tempo até mesmo passou fome, mas conseguiu assumir-se plenamente, conseguir uma profissão e sair da prostituição. Perguntamos a Cris como é a relação entre prostitutas, travestis e clientes nas casas noturnas. Ela alega que as travestis não, necessariamente, são prostitutas e sempre trabalham no balcão de atendimento da casa, mas muitos clientes a assediam e chegam a esperar a casa fechar para ficarem com elas. A maioria das prostitutas mantém boas relações com as travestis e não apresentam grandes conflitos como na disputa de clientes.

As entrevistadas alegam que não tem lugares específicos em Itaqui para frequentarem e que, muitas vezes, saem na rua de mãos dadas com os namorados sem enfrentarem atos preconceituosos e homofóbicos. Relacionado ao carnaval, ocorre na cidade a festa Glamour Gay (já no seu décimo quinto ano), muito frequentada pela sociedade local. Alegam também que as matas nas margens do rio Uruguai (parte vegetada perto do porto de Itaqui) são muito frequentadas por elas e por gays durante a noite. Muitas delas se deslocam ao lugar já acompanhadas para namorar, praticar sexo ou somente transitar para paquerar alguém. Isto principalmente durante a noite e madrugada.

As entrevistadas nos argumentam que muitos homens com quem tem e tiveram relações são casados e que inclusive apresentam relações de amizade com suas mulheres, embora elas não saibam de seus maridos. Alegam terem relações muito com militares e que é frequente terem propostas de práticas sexuais entre elas e casais. Muitas vezes, as relações são de longas durações, com encontros esporádicos com homens casados, e dizem terem sempre mais de dois

namorados constantes durante um longo tempo, além de paqueras e encontros ocasionais.

Aspectos a salientar das experiências de pesquisa em Uruguaiiana e Itaqui-RS

Nosso trabalho em Itaqui e Uruguaiiana foi especial. Primeiramente foi muito cansativo, pois passamos por Alegrete para pegar o João Inácio e rumamos diretamente para Itaqui. De Santa Maria a distância é de aproximadamente 500 km. No outro dia que passamos em Uruguaiiana. Foi muita surpresa encontrar travestis tão convictas de si e tão lutadoras, assim como tranquilas de sua aceitação social em uma cidade tão pequena como Itaqui. O cotidiano destes sujeitos nos pareceu rico em detalhes, principalmente em relação à luta de reconhecimento de suas singularidades em seu contexto de vida, assim como as muitas vitórias que obtiveram. Chamou-nos muita atenção à postura política e correta de Seginha, quanto ao comprometimento pela causa de melhoria das condições de vida e de justiça de suas companheiras, assim como de desenvolvimento pessoal. Primeiramente, foi muito interessante o contexto em que se desenrolou a entrevista, em um 'bordel', mas em segundo momento nos chamou atenção o respeito e o acolhimento em que todos nos receberam. Ficamos com uma ótima impressão da cidade que, embora pequena e simples, assim como sendo a cidade mais distante da capital gaúcha, é bela em relação à vida simples e respeitosa quanto às diversidades culturais e sexuais. Parabéns Itaqui!

Em Uruguaiiana nos chamou atenção o desenvolvimento de uma cidade polo em relação ao mercado de diversão e de diversidade cultural. O contexto do carnaval já era sabido por todos nós, mas as relações entre um cotidiano internacional homoerótico foi muito interessante ter conhecido. Foi decepcionante termos viajado tanto e não ter conseguido produzir uma entrevista com mais sujeitos, como ocorreu em outras cidades, mas a disponibilidade de um único sujeito foi gratificante e já nos revelou muitos dados interessantes: como a emergência do homoerotismo no carnaval mais conhecido do interior do estado; sobre o mercado desenvolvido entre as duas cidades de fronteira (Uruguaiiana e Passo de Los Libres); e sobre os conflitos em espaço público de uma expressiva população LGBT e o poder local (o caso das repressões estabelecidas na Praça Farroupilha).

Benhur Pinós Pinós da Costa

Santa Maria

Anteriormente já argumentamos sobre as questões de Santa Maria que envolveram a pesquisa. Santa Maria é a cidade de residência e de envolvimento de interesse profissional do pesquisador. Nela tecemos nosso cotidiano e aprofundamentos algumas questões relacionadas ao universo de sujeitos orientados para o mesmo sexo. Santa Maria é uma cidade média que apresenta um grande fluxo de estudantes, assim a população orientada para o mesmo sexo nos parece mais numerosa, ocasionando maior facilidade de contatos homoeróticos. No entanto, como em outras cidades do interior, assim como a própria capital do Estado, os meios virtuais facilitam os contatos entre homens que procuram experiências sexuais com outros homens. O que se observa nestes contatos é uma diversidade de posturas individuais quanto ao homoerotismo: tornando revelada ou não visível a identidade gay do sujeito, em diferentes níveis de assunção desta identidade, desde muitos homens que levam uma vida heterossexual de acordo com os padrões sociais e institucionais familiares, até sujeitos identificados efetivamente como gays, além do complexo universo das travestis e dos transgêneros. Em termos de relações espaciais vinculadas ao exercício de afetividades homoeróticas, podemos destacar:

1) A cidade apresenta um mercado incipiente específico para o mercado GLS, mas de mais oportunidades do que outras cidades do Estado visitadas, à exceção de Uruguaiana. Atualmente, duas casas noturnas se destacam em relação a frequência GLS: o Barcelona, danceteria cuja maioria dos frequentadores se designam gays, e o Makondo, em especial a festa Studio 54, que atrai um público gay principalmente de universitários e de maior poder aquisitivo. A cidade também conta com uma sauna gay, de encontro exclusivo de homens que procuram este lugar para experiências sexuais com outros homens;

2) Em termos de espaço público, muitos encontros e paqueras ocorrem principalmente na Praça Saldanha Marinho, em especial as proximidades dos banheiros públicos, antiga rua 24 horas, proximidades do Santa Maria Shopping e, mais atualmente, no Shopping Royal, principalmente durante os domingos à tarde;

3) Também é bastante curioso o trânsito de homens orientados sexualmente para o mesmo no chamado 'Morro do Cerrito', bairro Cerrito, as margens da BR 158. Neste lugar, homens circulam pela estrada e

adentram caminhos nas áreas vegetadas para paquerarem e efetivarem experiências sexuais com outros homens. Assim como na praça Saldanha Marinho, o Morro do Cerrito funciona como ponto 'de pegação' homoerótica. Os homens assumem uma postura espacial de "deriva", nos moldes das discussões de Perlogher (1987);

4) Nossa convivência com as travestis não foi intensa. Somente frequentamos algumas visitas de representantes da ONG Igualdade a casas de travestis. O que podemos perceber é que elas se organizam em casas de aproximadamente dez travestis sob o comando da dona da casa, que cobra um aluguel de residência a cada uma. Elas também apresentam pontos de prostituição fixos, principalmente nas BR's que cruzam a cidade, pois Santa Maria é uma cidade central do Rio Grande do Sul e polo de conexão de transportes. Outras ficam também em esquinas da Avenida Presidente Vargas. Ficamos sabendo de alguns conflitos entre grupos de travestis que se referem, principalmente, a questões pessoais, como intrigas estabelecidas entre elas e disputas por namorados e clientes. Espacialmente o vínculo dos travestis se refere a casa de residência grupal e o ponto de prostituição. Não encontramos em Santa Maria a realidade de Itaqui, por exemplo, sendo que todas as travestis que entramos em contato vivem da prostituição.

Considerações finais

Finalizamos os escritos relacionados a pesquisa desenvolvida entre 2010 e 2011 financiada pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Rio Grande do Sul (pelo edital ARD-2010 FAPERGS, projeto recém-doutor) que se ocupou em produzir discussões empíricas sobre aspectos cotidianos das vivências sociais de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo em cidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Nossas experiências durante anos de pesquisa revelaram um mundo homoerótico marcadamente urbano e singularizado pela evidência científica da grande cidade (como Porto Alegre, por exemplo), dessa forma, esta pesquisa revelou um rico universo homoerótico que permeia pequenas e médias cidades, assim como o espaço rural. Os escritos desenvolvidos e publicados nos mostram uma série de possibilidades de aprofundamentos em relação às questões de sexualidade que envolve a pequena cidade e o espaço rural que necessitam ser aprofundados. Este será talvez os projetos que iremos procurar atentar nos próximos estudos. Esta pesquisa nos fez revelar que ao contrário de um espaço normativo que não permite a

Pequenas cidades e diversidades culturais no interior do Estado do Rio Grande do Sul: o caso das microterritorializações homoeróticas de Santa Maria, Bagé, Alegrete, Uruguaiana e Itaqui

expressão de determinadas sexualidades, os espaços urbanos de cidades menores e rurais permitem uma série de experiências diferenciadas quanto ao homoerotismo, inclusive movimentos sociais de sujeitos politicamente engajados ao reconhecimento das diversidades sexuais e de combate a homofobia e discriminação.

Podemos, também, argumentar que o espaço da grande cidade o homoerotismo tático torna-se fortemente docilizado pela constante expansão do mercado gay. Nas pequenas cidades e no universo rural, as táticas que convergem aos contatos afetivos e sexuais homoeróticos são produzidas por interessantes táticas criativas dos sujeitos, que não se permitem conduzirem-se por definições identitárias rígidas quanto à significação de suas ações sexuais. Pelo que percebemos, se produz um universo de identificações híbridas tão complexo ou mais quanto na grande cidade, que a cada dia solidifica situações de agregação social homoerótica convergente a definições de identidades comerciais que ‘congela’ atributos significantes dos sujeitos que as envolve. As situações de discriminação e não-aceitação das expressões transgêneros se revelam fortes nas pequenas cidades, mas não se diferem quanto na grande cidade, cujos atos homofóbicos se reproduzem inclusive em espaços a longa dada definidos como de circulação gay, vide eventos homofóbicos produzidos na Avenida Paulista em São Paulo, por exemplo. A luta pelo reconhecimento social e a alegação desse reconhecimento feito pelas travestis em Itaqui nos foi dado como uma surpresa positiva e nos deixou alegres deste contexto em uma cidade tão pequena e tipicamente constituída por uma elite agrária patriarcal pecuarista da fronteira gaúcha. Isto quebrou todas as rígidas definições que argumentam que os ‘ares’ das grandes cidades libertam. A liberdade é produzida a partir de um movimento político engajado e sério no cotidiano que pode se estabelecer em espaços de lutas de reconhecimento em qualquer escala e qualquer contexto. A seriedade dos tratamentos destas questões produz ótimos resultados e esta seriedade se revela, principalmente, pela capacidade de agregação e solidariedade entre sujeitos que acreditam em um ideal de liberdade de expressão.

Referências

- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artemed, 2009.
- BONNEMAISON, Joel. **Viagem em torno do território**. In: CORRÊA, Roberto Lobato.; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). *Geografia cultural: um século*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. V. 3.
- COSTA, Benhur Pinós da. **A condição homossexual e a emergência de territorializações**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRGS, Porto Alegre.
- COSTA, Benhur Pinós da. **Por uma Geografia do cotidiano: território, cultura e homoerotismo na cidade**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, UFRGS, Porto Alegre.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. Loyola: São Paulo, 2005.
- PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê: a prostituição viril**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Recebido em: 22 de outubro de 2011.
Aceito em: 1 de janeiro de 2012.

Benhur Pinós Pinós da Costa